

Cultivo una rosa blanca,
en Julio como en Enero,
para el amigo sincero
que me da su mano franca.

Y para el cruel que me arranca
el corazón con que vivo,
cardo ni oruga cultivo:
cultivo la rosa blanca.

Pinta mi amigo el pintor
sus angelones dorados,
en nubes arrojados,
con soles alrededor.

Pinteme con sus pinceles
los angelitos medrosos
que me trajeron, piadosos,
sus dos ramos de claveles.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XXXIX e XL
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Já Bogue não sou!... À cova escura
me estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
leve me torne sempre a terra dura.
Conheço agora já quem vã figura
em prosa e verso feo meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento
se um raio da razão seguisse pura!
Eu me arrependo; a língua quase fria
brade em alto pregão à mocidade,
que atrás do som fantástico corria:
outro Aretino fui... A santidade
manchei!... Oh! se me creste, gente impia,
raça meus versos, creê na eternidade!
Mamuel Maria Barbosa do Bocage 1765-1805; em
Grandes Sonetos... de José Lino Grünwald, 1987

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor na Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
de amores fúteis poucas vezes falo.
O amor! Quando virei por fim a amá-lo!
Quando, se o amor que a Humanidade inspira
é o amor do sibarita e da hetaira,
de Messalina e de Sardanapalo?!
Pois é mister que, para o amor sagrado,
o mundo fique imaterializado
a Alavanca desviada do seu fulcro –
e haja só amizade verdadeira
duma caveira para outra caveira,
do meu sepulcro para o seu sepulcro?!
Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos 1884-1914.
Idealismo; em Obras-primas... de Sérgio Milliet; 3ª Ed 1963

Quiero que el mar dirima sus querellas
quiere que el cielo llueva como antes
quiere en el aire pájaros errantes
y que en la noche brillen mis estrellas
de todas tus edades quiero aquellas
que dejaban vivir sin atenuantes
no quiero humanidad que te quebrantes
ni que de tu malogro queden huellas
desapareceremos de uno en uno
en aras del injusto justiciero
y en el instante clave el oportuno
quizá perdamos ésta u otras lides
pero tú eres mi cábala y no quiero
humanidad plural que te suicides.
Mário Benedetti, Eso No; de La Vida Esse Paréntesis, Editorial Planeta
Argentina S.A.I.C. – Independência 1668, 1100, Buenos Aires, 1999

Quando miro el azul horizonte
perderse a lo lejos,
al través de una gasa de polvo
dorado e inquieto,
me parece posible arrancarme
del misero suelo
y flotar con la niebla dorada
en átomos leves
cual ella deshecho.

Quando miro de noche en el fondo
oscuro del cielo
las estrellas temblar como ardientes
pupilas de fuego,
me parece posible a do brillan
subir en un vuelo,
y anegarme en su luz, y con ellas
en lumbr encendido
fundirme en un beso.

En el mar de la duda en que bogo
ni aun sé lo que creo;
sin embargo estas ansias me dicen
que yo llego algo
divino aquí dentro. VIII
Solitario, triste y mudo
hallase aquel cementerio;
sus habitantes no loran...
¡Qué felices son los muertos! 3

Besa el aura que gime blandamente
las leves ondas que jugando riza;
el sol besa a la nube en occidente
y de púrpura y oro la matiza;
la llama en derredor del tronco ardiente
por besar a otra llama se desliza
y hasta el sauce inclinándose a su peso
al río que le besa, vuelve un beso. IX

¿A qué me lo decís? Lo sé: es mudable,
es altanera y vana y caprichosa:
antes que el sentimiento de su alma,
brotará el agua de la estéril roca.
Sé que en su corazón, nido de sierpes,
no hay una fibra que al amor responda;
que es una estatua inanimada... pero...
¡es tan hermosa! XXXIX

Gustavo Adolfo Bécquer 1836-1870, de Rimas Y Leyendas (Otras Rimas), Edición de Enrique Rull Fernandez – Plaza & Janés Editores, S. A., Bilbao, 2ª edición 1985.

O mar chegando, encantado,
esboçava uma vinheta,
sublinhando em rendilhado
o Poema de Anchieta.

Dorothy Jansson Moretti,
em Fanal 0401

Tenho na vida um ditado
e busco segui-lo bem:
faz favor... muito obrigado...
não fazem mal a ninguém!

Francisco Marino Modesto,
em Trovaregre 9902

Não basta falar de Cristo
com seus irmãos nos contatos,
o mais importante é isto:
mostrar Jesus nos seus atos.

Heládio Feitosa e Castro
em Sem Limites 0312

Negrinho do pastoreio,
já não creio mais em ti,
pois foi saudade que veio
em vez do amor que perdi.

Izo Goldman,
em O Ubeteano 0401

Dizer que a justiça é cega
é o modo de esclarecer
que aquele que melhor prega,
é aquele que vai vencer.

Manoel F. Menendez

Vaidosa, a gota de orvalho,
ainda em plena manhã,
expõe seu belo trabalho
na face de uma maçã.

Marlé Beatriz J. Araújo,
em O Pitiguari 0401

Repicando lata
o Carnaval vem chegando
menino-engraxate.

Francisco Handa

Nuvens de verão –
esquecido o guarda-chuva
apresso o meu passo.

Laurita Gentil

No negro poço
a samambaia verdinha
um feixe de sol!

Maria Helena Camargo

Pulam e dançam
belos foliões na avenida
vestem serpentina.

Sérgio Dal Maso

O vento apaga a vela,
a choupana estremece.
Desaba o aguaceiro.

Silvia M. Spada

Nuvens rosadas...
A jangada vem chegando
com os frutos do mar.

Sonia Mori

Sol escaldante
recolhendo as roupas secas
respingos de suor.

Yatayo Inui Ohira

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haikai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) VERÃO



As dálias despertam, sob a luz de sol vivoço, perfumando o dia. Ailson Cardoso de Oliveira	Natureza inquieta... Que barulho no telhado! Chuva de grânulo. Djalda Winter Santos	Floresta escura peixes pulam no lago pescam vaga-lumes. Larissa Lacerda Menendez
Aroma gostoso chamando para o almoço: bagre assado ao vinho. Alba Christina	O mar agitado... nas ondas, colares, flores. Festa de lemanjá! Edel Costa	Água invade a casa. Moradores, apressados, salvam-se da enchente. Livia Lacerda Menendez
Ala das baianas! Rosas abertas dançando, como um pão... rodam... Amélia Marie G. Bornheim	No leito da praia, o mar recebe oferendas! Dia de lemanjá. Élen de Novais Felix	Na ala das baianas, qual raio, um cachorro entrando! Entra... e sai de saia! Leonida Hilgenberg Justus
Visgo transparente lesnamente caramujo risca o batente. Amari do Amaral Campos	Preces e oferendas... Rece- be o mar, num abraço... Festa de lemanjá... Ercy M. M. de Faria	Fervilhando o rio, peixes enfrentando pedras, homens... Piracema. Manoel F. Menendez
Trovão segue o raio, nuvens deságuam do céu, é fim de verão. Angela Togerio Ferreira	Roda o carnaval, em tradição da pesada. Ala das baianas! Fernando Vasconcelos	No campo escuro surgem luzes alternadas. Ágeis vaga-lumes. Maria App. Picanço Goulart
Belo céu noturno! Nos campos, os vaga-lumes imitam estrelas. Angélica Villela Santos	Amaina o pé-d'água. Corta a noite paulistana aguda sirene... Guim Ga	Um descuido e... zás! – Tem mutuca de formiga na lata do açúcar... Maria Madalena Ferreira
Está bem fechada escondendo sua banguela... Boca-de-leão. Anita Thomaz Folmann	Braço ardendo. Constato sobre o mesmo lagarta de fogo. Hélcio Durso	Muda transplantada. Irronpe o primeiro antirio... ainda orvalho! Maria Reginato Labruciano
Flores coloridas. Abelhas buscam alimento. Cerca de hibisco. Cecy Tupinambá Ulhôa	Festa de lemanjá! Oferendas escolhidas não voltam às praias... Hermoclydes S. Franco	Oh, minha roseira! Um carreiro de formigas, verde retalhado. Olga Amorim
Sobre um fundo azul, um arco entre o céu e a terra e as cores secando... Darly O. Barros	Súbita barata num encontro feminino – cadeiras são poucas... Humberto Del Maestro	Devotos de branco. Na praia velas e flores, Festa de lemanjá. Olga dos Santos Bussade
Desfile no asfalto, é festa de carnaval, á la das baianas. Dercy de Freitas 1932-2000	A ala das baianas navega, ao sabor dos ventos, em lento balanço. João Batista Serra	E chegada a hora. Alvorço no sambódromo: ala das baianas! Renata Paccola



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 28.02.04, quigos à escolha:
Dia da Abolição, Flor-de-maio, Via-Látcea.

Remeter até 30.03.04, quigos à escolha:
Busca-pé, Cobertor, Mororó.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só treinando*.
No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Tamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmnenendez@ig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também *sinônimos corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL * – TREVO PERSONAGEM *

Centos e cinquenta, espécies em todo o mundo. O hibisco reina. Amari do Amaral Campos	Farta serpentina, confeite... ao pierrô derrete linda colombiana. Fernando L. A. Soares
Águas sem limites. É a enchente, que carrega vidas e sonhos... Angélica Villela Santos	Emprego difícil, muita penúria nos lares... Carnaval na rua! Humberto Del Maestro



HAICUS EM FOLHA

Desfila sorrindo, num mar de luzes e plumas, a porta-bandeira. Elen de Novais Felix	Menina de rua pensa ser porta-bandeira e dança descalça. Sérgio Francisco Pichorin	Galhos tortuosos, carregados de caju, perfumam pomares... Amália Marie G. Bornheim
Perfumado oásis no recôncavo das dunas. Pencas de cajus. Darly O. Barros	Ao ritmo do samba a porta-bandeira ginga. A avenida vibra. Walma da Costa Barros	O raio de sol vai tingindo lentamente cajus temporais! Anita Thomaz Folmann
Nos ramos vergados, cajus balançam ao vento... Festival dourado! Humberto Del Maestro	Sobre o capinzal, despencam cajus dourados, perfumando o dia!... Elen de Novais Felix	Lava-pés em fila carregando provisões – safári na horta. Maria Reginato Labruciano
A porta-bandeira de olhos rasgados, rasgando samba na avenida. Manoel F. Menendez	Um tom de confiança no olhar da porta-bandeira, esperando a nota. Alba Christina	No jardim de casa, fileira de lava-pés carregando folhas. Renata Paccola
Rodopia o vento voileia a porta-bandeira. Chove na avenida. Walma da Costa Barros	Um cesto com frutas – o perfume de um caju invade a cozinha. Maria Reginato Labruciano	Aplausos festivos, porta-bandeira sambando, carnaval chegou... Ailson Cardoso de Oliveira
Carnaval de rua – porta-bandeira desfila abrindo o desfile. Maria Reginato Labruciano	Vendaval passou, tapete escorregado... cajus bem maduros! Anita Thomaz Folmann	Há borões vermelhos no amarelo do caju. Fruta bem madura. Angélica Villela Santos
Silvo de taquaras. Chão farrado de cajus e de folhas mortas... Darly O. Barros	Lava-pés se aninham sob montinhos de terra. – Picada de fogo! Humberto Del Maestro	Depois do desfile, porta-bandeira extenuada dorme no gramado. Renata Paccola
Ramagens desnudas... na haste rosas em metade. Lava-pés descansam! Anita Thomaz Folmann	De novo em ação, batalhão de lava-pés invade a cozinha. Darly O. Barros	Desfile passando, Porta-bandeira empolgada, agradando a todos. Analice Feitosa de Lima
Árvores floridas. Crianças fazendo festas. Cajus madurinhos. Ailson Cardoso de Oliveira	O porta-bandeira ergue o auriverde pano que tremula ao vento... Amália Marie G. Bornheim	A porta-bandeira: dançando abre o desfile da escola de samba. Cecy Tupinambá Ulhôa
Lava-pés em fila, mar- chando rumo ao jardim!... Crianças com medo! Elen de Novais Felix	Alegre, feliz, cabeçando os atletas, a porta-bandeira. Maria App. Picanço Goulart	Doando saúde, vermelhos ou amarelos, bonitos ou caju. Maria App. Picanço Goulart

Serra do lago, água
fria, pura, e o arco-íris.
A truta desfrutou.

Anita Bath Yesido

Na base da queda
da água o chufiscar.
Lenta, a névoa, sobe.

Lucy Aegerter

Explorando o mundo,
primeira viagem juntos
em recreação.

Pat Aitken

A pressa da água
acha o lugar onde ir.
Seu fado é jorrar.

Sid Banach
Sue Barry
<http://www.poetry.com/Haiku/haiku.asp>

Vem passear comigo
por toda a borda da praia,
entre a areia e o mar.

Susan Barone

Aqui e lá, mesmo
encontro de terra e céu.
Um só mar, as nuvens.

Susan Barone

Na singela praia
a calma em serena paz.
O passado, morto.

Virginia Brokken

Os dois fantasmas, um azul e outro branco, encontraram-se em frente à caverna consabida. Saudaram-se em silêncio e avançaram um bom trecho sem pisar os lençóis, cada um afundado em suas cismas.
 – É curioso – disse de repente o fantasma branco, – é curioso como o corpo já não se lembra das coisas. Ainda bem, porque quando ele

lembrava era para que sofréssemos.
 – Sofreste muito? perguntou o fantasma azul.
 – Bastante. Até que o perdi de vista, meu corpo tinha queimaduras de cigarros no ombro, faltavam três dentes que lhe haviam arrancado sem anestesia, nem tinha se esquecido de quando metiam sua cabeça num pequeno monte de urina e merda e, sobretudo, examinava de vez em quan-

do seus testículos tostados.
 – Oh – foi a única sílaba que pronunciou ou pensou ou suspirou o fantasma azul.
 – E você? perguntou por sua vez o outro. – Também seu corpo lhe transmitia sofrimentos?
 – Não tanto o corpo, a não ser os de outros.
 – De outros? Acaso era médico?
 – Não precisamente. Eu era o verdugo.

O fantasma branco lembrou que acima, muito acima, estava a lua. Só a olhou porque tinha necessidade de ofuscar-se. Mas a lua não é o sol.

Com uma ponta de seu lençol impoluto limpou-se de um fiapo de ódio. Afastou-se logo, flutuando na névoa protetora, em busca de algum deus ou do nada.

Antonio Machado, Fernando Pessoa, Juan Gelman criaram de uma tacada só seus heterônimos, uns senhores que tiveram a virtude de complementa-los, amplia-los, fazer que de algum modo fossem mais eles mesmos. Também eu (vanitas vanitatum) quis ter o meu, mas a única vez que intentei resultou que meu jovem heterônimo começou a escrever despejadamente sobre minhas cata-

ratas, meus espasmos asmáticos, meu herpes zoster, meu lumbago, minha hérnia diafragmática e outras falhas de fábrica. Como se tudo isso não fosse pouco metia-se em minhas insônias para mortificar a minha pobre, valetudinária consciência. Foi precisamente esta a que me pediu: por favor, colega, tira-me de cima este estorvo, já bastante temos com a crítica.

Todavia, como os trâmites para livrar-se de um heterônimo são bem mais embaraçados, optei por uma solução intermediária, que foi nomeá-lo meu representante plenipotenciário na ilha de Páscoa. Por certo que de lá acaba de enviar-me um longo poema sobre a hipotética vida sexual dos moais. Reconheço que não está nada mal. Nota-se minha influência.

Mário Benedetti, de La Vida Esse Paréntesis; Editorial Planeta Argentina S.A.I.C. - Independência 1668, 1100, Buenos Aires, 1999

Quero beber! cantar asneiras no esto brutal das bebedeiras que tudo emborça e faz em caco... Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada no torvelim da mascarada, a gargalhar em doudo assomo... Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores, as serpentinhas dos amores, cobras de lívidos venenos... Evoé Vênus!

Se perguntarem: que mais quero, além de versos e mulheres?... – Vinhos!... o vinho que é o meu fraco!... Evoé Baco!

O alfanje rútilo da lua, por degolar a nuca nua que me alucina e que eu não domo!... Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira!... Por que eu extático desflora em seu louvor versos obscenos, Evoé Vênus!

* Bacanal

Nunca mais esquecerei das velas encarnadas verdes azuis da doca de Ver-o-Peso nunca mais e foi pr'a me consolar mais tarde que inventei esta cantiga:

Bembelelém
 viva Belém!
 Nortista gostosa
 eu te quero bem.

Belém, 1928
 * Belém do Pará (final)

O major morreu. Reformado. Veterano da guerra do Paraguai. Herói da ponte do Itooró. Não quis honras militares. Não quis discursos.

Apenas à hora do enterro o corneiro de um batalhão de linha deu à boca do túmulo o toque de silêncio.

* O Major

Nossa Senhora me dê paciência para estes mares para esta vida! Me dê paciência p'ra que eu não caia p'ra que eu não pare nesta existência tão mal cumprida tão mais comprida do que a restinga de Marambaia!...

* Oração no Saco de Mangaratiba

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho 1886-1968, de Poesias Completas, 5ª Edição Aumentada 1951; em * Carnaval (musicada por Frederico Richter) e * Libertinagem.

T R I B U T O A O R I O D E J A N E I R O

Albertina Moreira Pedro († 03.11.2001), trechos de Tributo ao Rio de Janeiro, de Rio que Não Tem Plural, Poesia, 1986

Ó meu Rio de Janeiro, quanto mais o tempo passa, mais ficas cheio de graça, mais heróico e mais leal. Sofisticado e brejeiro, carinhoso e hospitaleiro, Rio... tu não tens plural! ... Das cidades, soberana, minha terra carioca, em todos sempre provoca profunda admiração. Ó Guanabara, querida, cidade da minha vida, terra do meu coração!

Canto I
 Diz a História, que a primeiro de um mui remoto janeiro, ... Vespúcio - o navegador, ou André - o explorador, - dizem que foi um dos dois - chegou à Guaña-bará (que no tupi linguajar quer dizer baía-mar) a 1501 ou 1502. ... E por não ter explorado, além do desagadouro, o acidente encontrado, por grande rio o tomou. Não tendo a hagiologia santo consagrado ao dia, ao escrivão declarou: " - Isto é um desagadouro, embora pareça um mar. Hoje é o dia e o mês primeiro... Este é o Rio de Janeiro!" E assim o fez registrar. Mais tarde, ao ser revelado como formosa baía, toda a terra que a cingia já por Rio era chamada. E como Rio ficou.

Canto II
 A mil quinhentos e três, o explorador português Gonçalo Coelho, após costear o litoral, também encontrou o Rio. E ante o espanto do gentio (feita de pedra e de cal) uma casa ergueu na foz de um rio que desaguava na baía que enlaçava a terra tão tropical. À essa benfeitória

(limite de sesmaria) os índios apelidaram: - "Acary (ou caraib) ...oca!" O que, por corruptela, ou por uso, sem cautela, resultou em "carioca", de seguinte tradução: "casa de branco" ou, então, "viveiro dos acarys", face às roupas com escudos que os portugueses usavam (os quais, na casa moravam) lembrando peixes cascudos, como são os acarys. Os outros termos tupis são: "oca" - casa ou viveiro; "caraib" - homem, estrangeiro, brancos, viris e sisudos.

Canto III
 E a História prosseguiu com a busca do pau-brasil, desenfreada e tamanha, clandestina e ilegal, feita por contrabandistas, huguenotes, calvinistas, piratas de Portugal, aventureiros de Espanha, filibusteros holandeses, mais os corsários ingleses, num escambo desleal. Ninguém ficava, entretanto, presa da graça e do encanto da bela Guaña-bará, cujo ambiente selvagem só convidava à pilhagem, à conquista e a roubar, que até Fernão e Martim, (os Souza) do bergantim, deixaram-na ao Deus dará. ...

Canto IV
 Até que um grande senhor (Tomé, o Governador) ao avistar a baía, não escondeu seu espanto diante do grande encanto da terra mui graciosa... E ao rei Dom João III (tudo o Rio de Janeiro) em carta lhe descreveu, em que provava e dizia: - "O dibuxo por mim feito, dele, mando a Vossa Alteza, que tudo é graça e beleza o que se pode dizer

desse recanto perfeito: senão pinte quem quiser, ou como deseje, um rio, que isso, este "de janeiro" tem, como vê, por feito. Tanto que até me parece (me perdoe a sugestão) que Vossa Alteza podia, junto à formosa baía, (e que por tudo merece) mandar fazer, se o quisesse, honrada povoação... Que o resto é graça e beleza - reafirmo a Vossa Alteza - o que se pode dizer, sem ser imaginação."

Canto V
 Duas foram as eruditas figuras dos jesuítas que a Tomé acompanharam: Anchieta - o catequista, e Nóbrega - o moralista, os quais muito trabalharam pela colonização, servindo a Deus e a el-Rei, tendo a moral e a lei, a fê e a religião, por armas e instrumentos. ...

Canto VI
 O Almirante Coligny, tentando fundar aqui uma colônia francesa, foi quem fez zarpar da França Nicolau Villegaignon, com grande tripulação, o qual, mesmo sem bonança ao longo da correnteza, não se desviou da rota, e à entrada, numa ilhota, da baía, a frota ileisa, ancorou com esperança. Isto a 10 de novembro ou a 10 de dezembro do ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco, então. A fim de se guarnecer, dois fortes fez logo erguer; - Le Ratier - Lage, agora, e Coligny - por menção - que hoje é Villegaignon, - fortaleza de renome - na ilha do mesmo nome que foi Serecipe, outrora. Quatro anos depois, no entanto, por desgosto e desencanto,

Villegaignon foi embora, após fomentar no Rio, entre o francês e o gentio, forte amizade, em má hora.

Canto VII
 Mil quinhentos e sessenta: o Governo arremigenta - o Governo é Mem de Sá - forças contra o invasor que tinha por comandante Le Comte - vice-almirante, por Villegaignon eleito de sobrinho a sucessor. E eis a primeira contenda, renhida, cruel, horrenda, índios de cá e de lá, ...

Canto VIII
 Mil quinhentos e sessenta e quatro. A Coroa enfrenta o fracasso da expulsão tentada por Mem de Sá, ordenando todo o esforço - e mandando até reforço - p'ra acabar com a invasão. Traz o reforço, sozinho, de Mem de Sá, um sobrinho, chamado Estácio de Sá, jovem capitão da Armada, com ordens de governar e os franceses expulsar da já notória enseada. ...

Canto IX
 Dada a hostil recepção e face à má condição em que se encontrava a Armada, teve Estácio que rumar p'ra as terras de São Vicente. Lá um ano dura a faina do gibão e da sotaina no afã de reparar a esquadra desmantelada pela viagem inclemente. E de aldeia em aldeia, o Padre Nóbrega anseia, com paciência indulgente, gentios aliciar p'ra causa que tanto estima. E Anchieta, doente, não se cansa ou desanima, "serra abaixo, serra acima" "entre o Rio e São Vicente", de a todos incentivar. ...

Canto X
 Estácio vem adiante

na capitânia, bastante seguro e esperançoso de levar a cabo a empresa, com mais duzentas pessoas. ... Mil quinhentos e sessenta e cinco. Dia primeiro de março. Quem documenta o feito e a data almejada, é Anchieta contando, fiel e alvissareiro, que Estácio, em desembarcando, logo a cidade fundou com trégua e tranquilidade, mas sob chuva pesada, no local que se bifurca entre os penedos da Urca, e Pão de Açúcar, de um lado, do outro, o Cara de Cão, valentemente ajudado por pioneiros, sem medo, alguns dos quais aí vão: Pedro Martins Namorado, mais Belchior de Azevedo, Pedro da Costa, o escrivão.

Canto XI
 Num mês já existiam roças, casas de barro, palhoças, baluartes e tapumes, pois Vila Velha crescia, tinha até procurador, alcaide-mor e menor, meirinho e artilharia, água de poço e legumes. Não era mais uma herdade e despertava azedumes nos tamiois tão ferozes, donos das flechas volozes, ... - diz a lenda - as azagaias não chegaram a atacar a Vila dos precursores, porque São Sebastião, numa nuvem levantada pela pólvora queimada, surgiu c'ó Estácio a lutar, na canoa, par a par, afugentando a indiada.

Canto XII
 À guisa de ilustração, relembro a proclamação que Estácio - o capitão-mor, fez ao fundar a cidade, não, por aspecto formal, mas para erguer o moral da tropa, cujo valor, coragem, ânimo e apoio

pareciam fraquejar, quando, ao desembarcar, sentiu a hostilidade e a multidão desigual da união franco-tamoio. ... A data seria histórica; cruel era a conjuntura; mas entre a tropa, a bravura crescia; no líder forte, que fala com contrição, e à terra todo se dá, abandoná-lo, quem há? Ninguém teme a luta e a morte, ouvindo Estácio de Sá!

Canto XIII ... - "... - Ganhamos pois esta guerra: da praga livre-se a terra, façamos dela cidade que fique aqui por lembrança de nossa resolução!"

Canto XIV ... Tanto foram os reveses, que o tamiois e os franceses prosseguiram traficando, destruindo e atacando, numa luta surda e dura, que se chegou a julgar perigosa e insegura e arriscada a posição de Estácio, o capitão-mor, embora assaz exemplar. Indo Anchieta à Bahia, contou ao Governador a obra do fundador e os reveses que corria; o qual mandou aprontar uma armada de socorro que fundeu junto ao morro do Pão de Açúcar, local onde, às forças pioneiras de Estácio, cerrou fileiras contra o feroz inimigo, desbaratando o perigo em batalha triunfal!

Canto XV
 Estácio, por lealdade, um nome deu à cidade: o de São Sebastião, que era homônimo do Infante Dom Sebastião, reinante nas terras de Portugal. Sendo a vinte de janeiro,

o dia da devoção do santo-mártir guerreiro, teve Estácio, nesse dia, ano de mil e quinhentos e sessenta e sete, intentos de arrasar, com osuidia, o forte Uruçu-mirim - onde é o morro da Glória - o reduto principal dos tamiois e franceses, batalha de loa inglória, que assinala, com desgosto, ter sido Estácio ferido - o nobre capitão-mor - com uma flechada no rosto. Só, então, a vinte e três, o esquadrão português, p'ra sempre, o invasor francês, expulsou com frenesi, da ilha denominada Paranaupá, chamada agora Governador, e do forte Coligny.

Canto XVI
 Tão vitoriosa, embora, toda a soldadesca chora por Estácio que, flechado, faleceu em fevereiro, tal qual o santo guerreiro mártir São Sebastião, e el-rei de Portugal, Dom Sebastião Infante, em batalha desigual. - "Morto, o grande capitão, que se dar ao pioneiro? - Pranto, salvas, oração, honras de herói e soldado!" P'ra depois ser sepultado no chão da primeira ermida - a de São Sebastião - da Vila Velha - primaz, da qual foi o fundador, e pela qual deu a vida. Mais tarde, ao ser essa herdade p'ra o Castelo transferida, também o foi a ermida, e para lá, trasladado o corpo do fundador, que hoje, em cinzas, numa Igreja - a de São Sebastião - da Tijuca, está em paz, sob o epítáfio: "Aqui jaz Estácio de Sá, primeiro capitão conquistador desta terra e cidade."